



MATEMÁTICA E CROCHÊ: HISTÓRIAS PARA SE CONTAR

Fabiola de Souza Leal Antunes
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
fabiola.antunes@ufms.br
<https://orcid.org/0000-0002-0621-2560>

Resumo:

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado que versa sobre a matemática e o crochê. Nessa pesquisa em andamento pretende-se entrevistar mulheres crocheteiras no intuito de analisar saberes e fazeres dessas artesãs em relação a matemática que elas veem e/ou estão entrelaçadas com a arte do crochê. Diante disso, neste trabalho busca-se investigar vestígio histórico do crochê a partir de pesquisas acadêmicas nos sites de busca da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), no intuito de perceber movimentos históricos, sociais e étnicos entrelaçados com a matemática e o crochê, que as tornam socialmente relevantes ou não. Utilizando a abordagem qualitativa esta revisão traz discussões sobre a constituição de histórias e historiografias, a importância de se contar histórias pelo viés da história oral, descreve recortes de uma história para o crochê a partir dos trabalhos analisados e indica histórias para se contar em relação à matemática, o crochê e as vivências de artesãos do crochê.

Palavras-chave: História do Crochê, História Oral, Historiografia, Narrativas, Matemática.

1. Histórias e quem as contam

Existem várias formas de se contar uma história. Há histórias que se perpetuam no contexto familiar, que buscam preservar as lutas, a moral, as tradições e os modos de ser e de se caracterizar como membro dessa família. Há histórias fantasiosas, histórias de superação, de opressão, histórias enquanto memórias de um passado triste ou de uma conquista, vitória ou superação para se lembrar. Como comenta Noberbo (2024),

Memória e história não existem como esferas isoladas da realidade social. Muito pelo contrário, enquanto as memórias se configuram através de uma reapropriação da história; as histórias, por sua vez, são reconhecidas quando reelaboram e organizam as memórias, depurando-as e as ressignificando (Noberto, 2024, p. 103).

Há ainda aquelas histórias documentadas, registradas e sistematizadas por determinado grupo, povo ou em um contexto histórico. Nessa história única, fica evidente um lado da



história, geralmente o lado dos vencedores, daqueles que viveram, testemunharam e que saíram como vitoriosos nesse contexto. Segundo Le Goff (1990), todos os setores da história

[...] representam um enriquecimento notável, desde que sejam evitados dois erros: [...] subordinar a história das representações a outras realidades, as únicas às quais caberia um status de causas primeiras (realidade materiais, econômicas) – renunciar, portanto, à falsa problemática da infra-estrutura e da superestrutura. Mas também não privilegiar as novas realidades, não lhes conferir, por sua vez, um papel exclusivo de motor da história. Uma explicação histórica eficaz deve reconhecer a existência do simbólico no interior de toda realidade histórica (incluída a econômica), mas também confrontar as representações históricas com as realidades que elas representam e que o historiador apreende mediante outros documentos e métodos – por exemplo, confrontar a ideologia política com a práxis e os eventos políticos (Le Goff, 1990, p. 13).

Diante disso, ainda segundo Le Goff (1990, p. 13) “toda história deve ser uma história social”. Deve revelar identidades, culturas, sentidos, políticas, economia, modos de ser e de se fazer de um povo, grupo ou período histórico. Deve expressar ou descrever um contexto social.

Pensando nisso, a história oral pode participar desse processo historiográfico, pois ela dá “acesso à historicidade das vidas privadas” e nos instiga a redefinirmos espaço, geografia, “noções preconcebidas” e o relacionamento entre elas (Portelli, 2016, p. 17). Com base em Oliveira (2021, p. 241), “a hermenêutica histórica, considera que a história oral, mais do que compor um quadro de evidências e fato do passado que foram esquecidos ou desconsiderados da História, participa de um trabalho narrativo”, valorizando experiências, selecionando e organizando acontecimentos de acordo como o narrador conta.

Diante disso, contar histórias de diferentes modos torna-se uma ação historiográfica importante, pois a história vai sendo descrita por diferentes olhares, vivências, narradores e por diferentes pontos de vista. Nesse sentido, como comenta Garnica, Fernandes e Silva (2011, p. 227) “cabe ao historiador presentificar ausências, trazendo para uma discussão do presente, no presente e sobre o presente, toda uma sorte de descortinamentos criados a partir do diálogo com o passado”.

Pensando nisso e levando em consideração uma pesquisa de mestrado em andamento que aborda a matemática e crochê, o objetivo deste trabalho é investigar vestígio histórico do crochê a partir de pesquisas acadêmicas nos sites de busca da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e nos Periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), com o intuito de perceber movimentos históricos, sociais e étnicos entrelaçados com a matemática e o crochê, que as tornam socialmente relevantes ou não.

2. Metodologia

A pesquisa trata-se de uma revisão com base em trabalhos encontrados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD e Periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), no intuito de investigar vestígio histórico do crochê a partir de pesquisas acadêmicas. Para isso foram utilizados os descritores “História Crochê”, e foram encontrados 14 trabalhos no site da BDTD e 8 nos Periódicos CAPES.

Destes, na BDTD houve 2 dois trabalhos que se repetiram, o trabalho de Giseli Tavares de Souza Rodrigues e Kelio Junior Santana Borges, dois trabalhos não se relacionaram com o crochê, mas apareceram na busca provavelmente pelo nome Croches e Crochík, que são os nomes dos autores Rodrigo Gama Croches e José Leon Crochík. Ainda na BDTD ao realizar a leitura do trabalho de Katia Martins Valente não foi possível encontrar relação deste trabalho com o crochê, embora tratasse de narrativas de vida de empreendedoras, comunicação e consumo, o trabalho não apresentava relação com o crochê. Restando nove trabalhos deste site de busca.

Já no Periódicos CAPES oito trabalhos foram encontrados, mas após a leitura dos mesmos seis foram descartados pois não se relacionavam com a temática do crochê. Visto que um dos descritores era história foi possível perceber que muitos desses trabalhos apresentavam relação com essa temática, mas não com o crochê. Resultando em dois trabalhos deste site de busca.

Ao todo foi possível encontrar 11 trabalhos que versavam sobre a história e o crochê, que contribuíram para a elaboração dos vestígios históricos associados à arte do crochê. No Quadro 1, encontram-se os trabalhos encontrados.

Quadro 1: Trabalhos da BDTD e CAPES analisados.

Autor(es)	Título do Trabalho	Tipo	Ano
Kelio Junior Santana Borges	Fios de vida, tramas de histórias: a ficção de Lygia Fagundes Telles	Dissertação	2009
Mariana de Souza Guimarães	O Design Dos Objetos Artesanais Produzidos No Cotidiano De Mulheres Idosas	Dissertação	2010
Pâmela Moraes Völz	Uma família que trabalha": o caso das Oficinas de Geração de Trabalho e Renda da Reabilitação, Trabalho e Arte (RETRATE) de Pelotas/RS.	Dissertação	2012
Paula Cervelin Grassi	Alinhavos e Rasgos Maternais: a (des)educação da madrespôsa no clube de mães Santa Rita de Cássia	Dissertação	2017

Débora Inácia Ribeiro	O trabalho manual comunitário e o desvelamento de si-mesmo em Heidegger	Tese	2018
Giseli Tavares de Souza Rodrigues.	História do clube de mães e as origens do atendimento à criança pequena em Naviraí (1974-1990)	Dissertação	2019
Maristela Pessoa Ramos	O bordado que se expande e vira ponto de cultura de Rio das Flores: questões entre o design e o artesanato e o processo de criação da Florart, no Sul Fluminense	Tese	2019
Luana Crispim Duarte	O crocheter de superfícies têxteis: uma investigação no âmbito do Design.	Dissertação	2020
Nadja Maria Mourão Ana Célia Carneiro Oliveira	Memória do crochê: cultura afetiva em objetos Biográficos	Artigo	2021
Vitória Guessi Juliana Bononi	Moda e artesanato na escola Helen Keller de Ribeirão Preto-SP	Artigo	2020
Caroline Silva Dantas	Mulheres, crochê e desenvolvimento local: um olhar para a sustentabilidade da vida	Dissertação	2022

Fonte: Dados da pesquisa

A análise de dados consistiu em verificar a existência de pesquisas relacionadas à história do crochê por meio da leitura dos resumos e introdução de cada trabalho inicialmente. Feito isso, foi realizada a busca por palavras-chave que versavam sobre “história” ou “história do crochê” no próprio texto, pelo identificador de palavras. A partir dessa primeira análise, fomos categorizando os textos que de fato faziam referência histórica ao crochê. Os que faziam foram lidos na íntegra e também analisados as referências as quais comentavam sobre o assunto.

Assim, para a composição de uma história para o crochê a partir dos trabalhos analisados, além dos trabalhos dos autores mencionados no Quadro 1, também foram consultados os trabalhos de Braun (2013), Silva (2015) e Silva (2017).

3. Panorama dos Trabalhos Analisados

Nos trabalhos analisados foi possível identificar que o surgimento do crochê ou de sua efetivação no Brasil é pouco mencionado ou não é o foco dos trabalhos analisados. Pode-se perceber que quando o assunto é história, muitos trabalhos buscam evidenciar o contexto de vida, a história de vida pessoal ou familiar das pessoas que fazem crochê.

No trabalho de Borges (2009), o autor se detém em elaborar e analisar histórias ficcionais com base de Lygia Fagundes Telles, escritora que fala sobre artesãos e trabalhos com linhas, pontos, agulhas, crochê, tricô e com o fiar. Já o trabalho de Guimarães (2010) tem como objetivo sinalizar os pontos de divergência e convergência entre os campos do design e do artesanato popular, identificando relações híbridas, compreendendo as fronteiras existentes entre os campos e conhecendo modos distintos de produção de artefatos da cultura material brasileira.

O trabalho de Völz (2012) analisa as relações estabelecidas entre profissionais e usuárias no interior das oficinas de geração de trabalho e renda da Reabilitação, Trabalho e Arte (RETRAT). Apresenta os discursos e as práticas de artesãos da costura, da confecção de sacolas de papel, tricô, crochê e do tear, presentes no cotidiano das oficinas de reabilitação psicossocial e, especialmente, econômica de pessoas portadoras de transtornos mentais e/ou com transtornos decorrentes do uso de álcool e outras drogas. Já Ribeiro (2018), fala sobre o trabalho manual comunitário e o desvelamento de si-mesmo na perspectiva de Heidegger. Busca por interfaces entre educação e história da cultura. Aborda os conceitos de Heidegger, ser-no-mundo, ser-com e ser-si-mesmo. Realiza entrevistas com mulheres crocheteiras.

Os trabalhos de Grassi (2017) e Rodrigues (2019) apresentam a história do clube de mães, esses clubes são destinados a mulheres de baixa renda com atuação religiosa e comunitária. No trabalho de Grassi (2017), o clube de mães é localizado em Santa Rita de Cássia em Caxias do Sul - RS. Onde um grupo de mulheres se juntam semanalmente, para crocheter, costurar, conversar e trocar experiências umas com as outras. Já Rodrigues (2019) apresenta a história do clube de mães em Naviraí - MS, e buscou compreender o início do atendimento da educação infantil no município. Apresenta que essa entidade oferecia formação informal para mulheres: corte e costura, cabeleireira, manicure, tricô, crochê, entre outros.

Nos trabalhos de Ramos (2019), Duarte (2020) e Mourão e Oliveira (2021) as autoras apresentam a história do crochê, onde se deu seu possível surgimento e sua chegada ao Brasil. Ramos (2019) diz que o crochê tem sua possível chegada ao Brasil com a vinda dos imigrantes europeus. A partir de um estudo histórico do fazer do crochê. Duarte (2020) buscou investigar a história do crochê, onde seus primeiros registros documentados e escritos datam por volta de 1830. Já Mourão e Oliveira (2021) buscam no crochê uma forma de se fazer história. Ancorados na premissa de que “um objeto qualquer pode se tornar um objeto biográfico a partir da construção dos fatos, do tempo e do ambiente onde o mesmo foi inserido, em relação à vida humana” (Mourão; Oliveira, 2021, p. 69).

O trabalho de Guessi e Bononi (2020) apresenta o projeto intitulado: “História, memória e cegueira da Escola para Cegos Helen Keller (1954-1990) de Ribeirão Preto à educação” ao receber fotos sobre bazares realizado na década de 60 onde mostra produtos de moda e artesanato desenvolvidos por seus alunos, a escola incentivada a capacidades manuais para a inserção no mercado de trabalho e inclusão social, tem o intuito de contribuir para o entendimento de que pessoas com deficiência visual tem capacidade de aprender e se tornar independente, quando são oferecidas oportunidade. Já Dantas (2022) comenta sobre questões de gênero, apresenta a história de vida de mulheres e a relação de mulheres crocheteiras com o desenvolvimento local em Inconfidentes - MG.

4. Histórias do crochê em recortes

Nesta seção descrevemos indícios históricos sobre o crochê. Salientamos que eles são recortes tecidos a partir da revisão realizada. O que não traduz uma história única, nem completa para essa arte, mas revela o que a academia tem percebido de movimentos históricos sobre o crochê e revelando inclusive, histórias para se contar, como discutiremos na próxima seção.

De acordo com Silva (2015), Silva (2017) e Mourão e Oliveira (2021), a palavra crochê tem origem francesa “croc” que, em português, significa gancho. Contudo, os autores ponderam que, não se pode dizer ao certo a origem do crochê pois existem registros de que ele esteve presente na Turquia, na Índia, Pérsia, África do Norte, Europa, América do Sul, China, entre outros locais do mundo. O que se entende é que o crochê esteve e está presente em diferentes regiões e culturas pelo mundo. É uma arte que expressa tradições e hábitos locais de diferentes povos (Mourão; Oliveira, 2021).

Contudo, ainda com relação a questões históricas a respeito do crochê, Silva (2015) comenta que o

[...] o crochê teve três possíveis evoluções históricas, sendo primeiro na Arábia espalhando a técnica através das rotas comerciais leste e oeste e para países do Mediterrâneo. O segundo indício é de que vieram da América do Sul, onde tribos indígenas utilizavam da técnica do crochê para adornos em rituais da puberdade e um terceiro indício se apresenta através dos exemplares de artesanato chinês, onde surgiram os primeiros projetos de bonecos tridimensionais realizados com a técnica do crochê (Silva 2015, p. 18).

Duarte (2020, p. 17) destaca que os primeiros registros documentados e escritos sobre a técnica do crochê datam do século XIX, por volta de 1830. Segundo essa autora,

[...] o crochê como conhecemos hoje surge como resultado de diferentes experimentações com trabalhos em agulha, com o que podia ser chamado de trabalho de freira, ou renda de freira, pois estas eram as principais artesãs de tramas manuais, difundindo-as nos conventos e em trabalhos missionários. Porém a autora completa

que essas não são as primeiras manifestações e experimentações de laçadas próximas à aparência do crochê, pois há registros de têxteis com essas características datados de épocas mais remotas que o século XIX (Duarte, 2020, p. 17).

Braun (2013) comenta que, historicamente o crochê passou por períodos de maiores e menores prestígio social. Durante o Renascimento foi considerado como um fazer das mulheres de classe alta que usavam essa arte para passar o tempo.

Já entre 1845-1849, se tornou um trabalho realizado por mulheres e crianças na grande fome irlandesa, o que fez com que essa arte se tornasse uma fonte de renda para a população mais pobre. Segundo este autor,

O crochê começou a se expandir na indústria artesanal em todo o mundo, especialmente na França e Irlanda. A renda Irlandesa e a renda bilro eram peças luxuosas, e a população menos favorecida, que não tinha acesso a essas peças caras, faziam a partir da técnica do crochê, cópias daquelas que pareciam nas “receitas” elaboradas de renda e luxo, ou seja, as roupas que a classes abastada usavam. Contudo, o estigma de imitação de um símbolo de status em vez de uma técnica artesanal com o valor próprio modificou a técnica. Quem podia comprar renda feita com as técnicas mais antigas e caras desdenhava o crochê como sendo uma peça barata. Porém a Rainha Vitória ajudou a desfazer essa impressão, comprando renda feita de crochê e aprendendo a técnica ela mesma. Durante a era Eduardiana (as duas primeiras décadas do século XX) as rendas de crochê eram mais elaboradas em textura e dificuldade, com rendas de cores pálidas e bolsas elaboradas, com muitos bordados e pedrarias (Braun, 2013, p. 62).

Silva (2017), pontua que principalmente a partir da Revolução Industrial e também a partir da Segunda Guerra Mundial com implementação do capital, as transformações que ocorreram em todos os cenários da sociedade e o novo contexto de trabalho em que as mulheres passaram a trabalhar nas fábricas, o crochê, que era um trabalho principalmente das mulheres, foi deixado de lado por questão econômica e de prestígio social do capitalismo. Contudo, o crochê não se perdeu, pois, os utensílios de casa como tapetes, panos de pratos, centros de mesa, roupas e acessórios a base de crochê foram resistindo ao longo da história.

Guimarães (2010) comenta que a técnica do crochê, assim como outras técnicas de fiar, como a do macramê, bilro, labirinto, crivo, ponto cruz, entre outros, chegaram no Brasil por intermédio da colonização portuguesa, pelas mulheres portuguesas que tinham como ocupação, acompanhar seus maridos nas viagens, cuidar e exercer atividades do lar. Contudo, a mesma autora destaca que ao longo do tempo as técnicas de fazer crochê, aqui no Brasil, foram “hibridadas, transformadas, adaptadas ao nosso contexto social” (Guimarães, 2010, p. 14).

Ramos (2019) destaca que, no Brasil, essa arte foi ensinada nas escolas confessionais, como disciplina do currículo escolar a partir de 1854. Período em que o ensino escolar passa ser obrigatório para todas as classes sociais e gênero. Segundo a autora, com a possibilidade de escolarização para as classes populares, “os trabalhos manuais passam a fazer parte do currículo escolar e o bordado é direcionado somente às mulheres” (Ramos, 2019 p. 54).

Segundo Duarte (2020),

[...] foi só nos anos de 1980 que um movimento para o interior do Brasil surge, como uma revitalização do artesanato, por meio de apoios governamentais com instituições do terceiro setor, projetos de empresas e/ ou grupos de designers particulares. Isso possibilitou uma visibilidade ao fazer manual e tudo o que ele representa: apoio a comunidades locais, resgate de técnicas e materiais, retomada de temáticas que trouxessem uma representação cultural e, inclusive, uma legitimação de trabalhos pequenos até então considerados passatempo ou segunda fonte de renda (Duarte, 2020, p. 33).

Para Duarte (2020), esse movimento coincide com o apogeu da instauração do design no Brasil, provocando, por muito tempo, uma distância entre essa área e o fazer manual tradicional. A autora completa com uma crítica de Aloisio Magalhães, de 1975, expondo que essa premissa funcionalista impossibilitou a criação de uma identidade brasileira para o design, que era necessário conhecer a diversidade cultural do país para buscar representá-lo.

Para fechar esta seção, enfatizo que as histórias aqui tecidas, são recortes históricos repletos de fissuras, pontos soltos e que, em alguns casos, representam generalizações extraídas dos trabalhos analisados, revelando a importância de se “historiografar”, montar ou contar histórias sobre essa arte. Vale salientar que muitos trabalhos relataram a dificuldade de contar histórias ou de tecer um panorama temporal para que o crochê estivesse em destaque. Embora os mesmos enfatizem que o crochê tem resistido ao longo da história.

5. Histórias para se contar

Montar um panorama histórico do crochê a partir dos trabalhos encontrados, não foi, ou não é uma tarefa fácil, pois há poucos registros documentais sobre essa história, como enfatizam Mourão e Oliveira (2021), Silva (2017), Silva (2015), Braun (2013), entre outros autores. Desta forma, em trabalhos como os de Ramos (2019), Duarte (2020) e Mourão e Oliveira (2021), os autores consideram um trabalho mais profícuo, contar essas histórias a partir das vivências e experiências de artesãos com o crochê.

Segundo Mourão e Oliveira (2021, p. 72), “o crochê se contextualiza na memória individual e coletiva, pois todas as atividades produzidas pelo ser humano e suas relações sociais estão contidas no processo evolutivo”.

O crochê, tanto quanto outros tipos de artesanato, transmite os diversos saberes e fazeres das gerações anteriores. Dessa forma, é importante lembrá-los como objetos que contam histórias dos contextos em que estão inseridos. Cada artesão transmite, por seus métodos pessoais, a arte apreendida e a satisfação em executar o trabalho. Portanto, ele é ativo como criador de objetos, cria o cenário cultural, imprimindo sua história, técnica de sua região e a sua subjetividade (Mourão; Oliveira, 2021, p. 79).

Para Guimarães (2010, p. 27), na sociedade contemporânea em que vivemos, há um sentido e um lugar da produção artesanal do crochê “que vai além do objeto, relacionando questões de tempo e espaço na produção desses saberes. Pensar sobre esses saberes é pensar sobre a sua resistência”.

Diante disso, ao se analisar o que o crochê tem para contar é possível identificar tendências, preferências, modos de se pensar, projetar, escolher e realizar técnicas distintas. Ao ouvir o que os artesãos do crochê têm para dizer é possível encontrar histórias de práticas, vivências e diferentes sentidos para a arte de crocheter. Práticas, vivências e sentidos que colocam a pessoa que faz crochê como um ator que protagoniza sua própria história, ora como aquele que realiza o crochê como mero ofício, ora como aquele que utiliza dessa arte como forma de subsistência, ou ainda, como vítima de uma sociedade opressiva.

Nesse cenário de pesquisa envolvendo o crochê, destaca-se o papel da mulher, o trabalho de “crocheter” e as representações sociais ligadas a esse ofício e as histórias que se entrelaçam com os pontos e fios do crochê.

Além disso, quando o assunto é matemática e crochê é possível indicar outros pontos relevantes para pesquisas como: as formas geométricas das peças de crochê, a contagem dos pontos e aos números de fileiras/carreiras de cada peça, os diferentes tipos de pontos utilizados para se produzir as peças, as representações gráficas dos moldes do crochê, entre outros que poderão ser identificados e tratados como histórias do crochê e da matemática para se contar.

Assim, é possível dizer que o crochê, os artesãos e artesão do crochê possuem várias histórias para se contar. Histórias de vida, da arte, da matemática, de corpos que se entrelaçam pelos fios, pontos e agulhas do crochê. Estes podem contar histórias que se fazem pelas tramas dessa arte. Ouvir aqueles que muitas vezes são silenciados e marginalizados, ou simplesmente, deixados de lado porque escolheram o crochê como modo de expressão, subsistência ou trabalho, consiste em valorizar esses atores, suas aptidões, gostos, gestos, sentidos, políticas e histórias que eles queiram contar.

6. Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

BORGES, Kelio Junior Santana. **Fios de vida, tramas de histórias: a ficção de Lygia Fagundes Telles**. Dissertação. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2009.

BRAUN, Sônia Maria Antônia Hordorf. **Intervenção Urbana com Fios: o tricô e o crochê na arte contemporânea em uma perspectiva educativa**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

DANTAS, Caroline Silva. **Mulheres, crochê e desenvolvimento local: um olhar para a sustentabilidade da vida**. Dissertação. Universidade Federal de Itajubá. Itajubá, 2022.

DUARTE, Luana Crispim. **O crochê de superfícies têxteis: uma investigação no âmbito do Design**. Dissertação. Universidade Estadual Paulista 'Julio de Mesquita Filho'. Bauru, 2020.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti; FERNANDES, Déa Nunes; SILVA, Heloisa da. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. **Bolema**. Rio Claro, v. 25, n. 41, p. 213-250, 2011.

GRASSI, Paula Cervelin. **Alinhavos e rasgos maternos a (des)educação da madrepátria no clube de mães Santa Rita de Cássia**. Dissertação, Universidade do Vale do rio dos Sinos. São Leopoldo, 2017.

GUESSI, Vitória; BONONI, Juliana. Moda e Artesanato na Escola Helen Keller de Ribeirão Preto-SP. **Ensinar mode**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 167-181, 2020. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/ensinar mode/article/view/17056>. Acesso em: 06, jul. 2024.

GUIMARAES, Mariana de Souza. **O Design Dos Objetos Artesanais Produzidos No Cotidiano De Mulheres Idosas**. Dissertação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Editora da UNICAMP, São Paulo, 1990.

MOURÃO, Nadja Maria; OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro. Memória do Crochê: cultura afetiva em objetos biográficos. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, v. 5, n.2, 2021. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/ensinar mode/article/view/19746>. Acesso em: 06 de jul. 2024.

NOBERTO, Lineker. Combates pela história, disputas de memórias: o caso do golpe de 1964 e a ditadura. **Revista História Oral**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 97-114, 2024.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. Zózimo bulbul: a prática de história oral no cenário de abolição (1988) e a história de vida de um artista negro (1937-1959). **Revista História Oral**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p.239-257, 2021.

PORTELLI, Alessandro. **História oral Como Arte da Escuta**. Letra e Voz, São Paulo, 2016.

RAMOS, Maristela Pessoa. **O bordado que se expande e vira ponto de cultura de Rio das Flores: questões entre o design e o artesanato e o processo de criação da Florart, no Sul Fluminense**. Tese. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

RIBEIRO, Débora Inácia. **O trabalho manual comunitário e o desvelamento de si-mesmo em Heidegger**. Tese. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2018.

RODRIGUES, Giseli Tavares de Souza. **História Do Clube De Mães E As Origens Do Atendimento À Criança Pequena Em Naviraí/MS (1974 - 1990)**. Dissertação. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2019.

SILVA, Angeirley Santos. **A arte do crochê como patrimônio imaterial da cidade de São Bernardo – MA**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Maranhão. São Bernardo, 2017.

SILVA, Bruna Vilas Bôas. **Crochê: o resgate cultural e seus arsenais na prática do designer de moda**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Apucarana, 2015.

VÖLZ, Pâmela Moraes. **Uma família que trabalha": o caso das Oficinas de Geração de Trabalho e Renda da Reabilitação, Trabalho e Arte (RETRATE) de Pelotas/RS**. Dissertação. Universidade Federal de Pelotas Instituto de Sociologia e Política Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Pelotas, 2012.

